

O PROJETO E OS OBJETOS DA LINGUÍSTICA GERAL DE SAUSSURE

Resumo: Com base no exame dos múltiplos itens (publicados ou manuscritos) do *corpus* hoje disponível, este artigo propõe uma análise das características do *projeto de linguística geral* que subjaz ao conjunto do percurso científico de Saussure. Após situar esse projeto com relação às correntes dominantes do final do século XIX, analisamos primeiro a concepção que tinha o autor do domínio ao qual devia se dirigir a linguística, domínio vasto e multiforme que requalificamos, inspirando-nos em Mauss, de *fato linguageiro total*. Discutimos em seguida o estatuto fundamental *interativo* que Saussure atribuía aos objetos (ou sub-objetos) desse domínio, principalmente ao *discurso-fala*, à *língua*, à *sincronia* e à *diacronia*, e apresentamos a *metodologia* preconizada para o estudo desses objetos, que devia ser (em razão desse estatuto) *sistêmico* e *diferencial*. Em seguida, examinamos certos aspectos do procedimento metateórico de Saussure, em particular seu zelo por constituir um aparato terminológico radicalmente novo, e concluímos interrogando-nos sobre o tipo de *epistemologia* à qual aderiria, implícita ou explicitamente, o mestre genebrino.

Palavras chaves: linguística geral, discurso, língua, metodologia, epistemologia.

Résumé : Sur la base de l'examen des multiples items (publiés ou manuscrits) du corpus aujourd'hui disponible, cet article propose une analyse des caractéristiques du *projet de linguistique générale* qui a sous-tendu l'ensemble du parcours scientifique de Saussure. Après avoir situé ce projet en regard des courants dominants de la fin du XIXe, nous analysons d'abord la conception qu'avait l'auteur du domaine auquel devait s'adresser la linguistique, domaine vaste et multiforme que nous requalifions, en nous inspirant de Mauss, de *fait langagier total*. Nous discutons ensuite du statut fondamentalement *interactif* que Saussure accordait aux objets (ou sous-objets) de ce domaine, notamment au *discours-parole*, à la *langue*, à la *synchronie* et à la *diachronie*, et nous présentons la *méthodologie* préconisée pour leur étude, qui se devait (en raison de ce statut) d'être *systémique* et *différentielle*. Nous examinons ensuite certains aspects de la démarche métathéorique de Saussure, en particulier son souci de constituer un appareil terminologique radicalement nouveau, et nous concluons en nous interrogeant sur le type d'*épistémologie* à laquelle adhérerait, implicitement ou explicitement, le maître genevois.

Mots-clés: Linguistique générale, discours, langue, méthodologie, épistémologie.

O PROJETO E OS OBJETOS DA LINGÜÍSTICA GERAL DE SAUSSURE

Jean-Paul Bronckart

FPSE, Universidade de Genebra
Tradução Marcos Bagno

A obra saussuriana e sua recepção têm uma história complexa, que Ecaterina Bulea apresenta em pormenor em sua contribuição a este número. De nossa parte, nós nos limitaremos a recordar que o livro por meio do qual essa obra tem sido difundida e promovida, o *Curso de Linguística Geral* (doravante *CLG*), foi redigido por Bally e Sechehaye com base em notas tomadas por alguns estudantes que assistiram aos três cursos epônimos dados por Saussure na Universidade de Genebra entre 1907 e 1911. Uma vez que tais estudantes não estavam preparados para essa nova disciplina, e nem Bally nem Sechehaye assistiram às lições do mestre, o *CLG*, apesar de suas qualidades intrínsecas, só parcialmente traduz a posição de Saussure, por vezes a deforma e até mesmo a trai.

Sob o impulso inicial de Godel (1959), Engler (1962) e De Mauro (1975a; 1975b) sobretudo, um imponente trabalho desde então tem sido empreendido para tentar recuperar o pensamento de Saussure em sua autenticidade. No entanto, se excetuarmos o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1879, doravante *Mémoire*), Saussure não publicou em vida senão alguns artigos secundários, e o trabalho de reconstrução de sua obra só pode proceder pela análise dos cadernos dos estudantes que seguiram os cursos, assim como pelo escrutínio de um volumoso *corpus* de notas manuscritas redigidas por Saussure entre 1890 e 1910. Por conseguinte, trata-se de um trabalho de tipo exegético, que comporta uma parte de risco e/ou de engajamento interpretativo, e do qual participamos há várias décadas junto com numerosos colegas.

Em nosso empreendimento, por razões apresentados em outro lugar (cf. BRONCKART, BULEA & BOTA, 2010, pp. 9-11), exploramos a totalidade das fontes disponíveis, e as referências dos documentos solicitados para a presente contribuição (no essencial, as duas versões principais do *CLG* e alguns cadernos de estudantes reunindo notas tomadas nos *Cursos I, II e III*), assim que suas abreviaturas usuais, vêm indicadas no anexo *Corpus saussuriano utilizado*.

O objetivo de nossa contribuição será tentar compreender a natureza e a orientação do projeto científico de Saussure e, a seguir, com base nisso, o *status* que convém atribuir aos principais conceitos surgidos de sua obra, assim como a articulação desses conceitos no quadro abrangente de uma linguística geral. Nessa perspectiva, analisaremos inicialmente o projeto de linguística geral, tal como Saussure o concebia com respeito às duas abordagens da linguagem em vigor nas últimas décadas do século XIX (a corrente filosófica e a linguística histórica). Em seguida, examinaremos a concepção que Saussure tinha do domínio da linguística e dos principais objetos que ele identificou e conceitualizou nesse domínio. Mais adiante, analisaremos a metodologia de trabalho do mestre genebrino e as perspectivas de renovação terminológica associadas a ela, o que nos permitirá concluir com um questionamento da natureza do posicionamento epistemológico do fundador da linguística moderna.

1. O contexto de emergência da obra de Saussure

No início de suas reflexões próprias, e durante todo o período entre dois séculos em que sua obra se desdobrará, Saussure estava confrontado aos dois grandes tipos de abordagens dos fatos de linguagem. De um lado, uma corrente de *gramática geral* inscrita na continuidade das questões e reflexões surgidas em vinte séculos de *filosofia da linguagem*. Do outro lado, uma corrente mais recente, qualificada de *linguística*, que desde o início do século XIX se centrara no estudo técnico das línguas naturais, numa perspectiva histórica e comparativa.

1.1 A tradição lógico-gramatical

A corrente de gramática geral à qual Saussure se confrontava estava claramente inscrita na perspectiva logicizante nascida dos trabalhos de Port-Royal. Os autores da *Grammaire générale et raisonnée* (ARNAULD & LANCELOT, 1660/1973) tinham admitido que o latim não era mais a única língua digna de exprimir os conhecimentos humanos e que, por conseguinte, suas estruturas não podiam ter o privilégio exclusivo de refletir diretamente (e analogicamente) uma organização externa de referência. Apoiando-se na análise das operações cognitivas do sujeito desenvolvida na *Logique* (ARNAULD & NICOLE, 1662/1965), consideraram ademais que essa organização de referência não era mais a dos eventos mundanos, mas sim a das operações de pensamento. Em tais bases, sustentaram então que toda língua devia comportar dois níveis de estruturação: o primeiro, constituído de regras gerais e universais que teriam a capacidade de refletir diretamente as proposições do pensamento e, portanto, as propriedades da *razão humana*; o segundo, constituído de regras particulares a cada língua, na qualidade de propriedades decorrentes da mentalidade dos povos que falam tais línguas, testemunhando as *paixões específicas* que se exprimem nessa mentalidade.

Na corrente do século XIX, essa abordagem da linguagem e de suas relações com o pensamento ainda estava em vigor e constituía a referência básica de uma *doxa* lógico-gramatical cujas quatro características principais podemos destacar a seguir:

a) Para assegurar a *confiabilidade dos conhecimentos* exprimíveis na linguagem, é imperioso dotar esta última de uma base que se encontre *fora da linguagem mesma*, ou em outro lugar que não as práticas sociais que ela materializa: base situada nas propriedades naturais dos objetos do mundo em Platão, nas estruturas lógicas desse mesmo mundo em Aristóteles, nas estruturas do pensamento humano em Port-Royal. Nessa perspectiva, a linguagem tem necessariamente um *status* de *mecanismo secundário*, destinado à tradução ou ao *reflexo* dessas estruturas outras.

b) A partir do século XVII, esse primeiro postulado foi combinado com a tese correlata da *primazia e da independência dos processos de pensamento com relação aos processos de linguagem ou semióticos*: o pensamento é primeiro e autônomo; a linguagem só faz traduzir esse pensamento, e desde logo ela não desempenha nenhum papel determinante na construção dos conhecimentos humanos.

c) Na medida em que as entidades das quais a linguagem seria o reflexo (o mundo ou a cognição humana) são por princípio universais, disso decorre necessariamente que só deveria existir uma única língua (*status* conferido primeiramente a uma língua ideal legada pelos deuses, depois à língua latina) ou no mínimo uma *organização estrutural comum a todas as línguas naturais*.

d) Essa mesma ênfase tem como outro correlato a subestimação dos *fenômenos de mudança* que afetam permanentemente as línguas naturais. Na medida em que a linguagem seria fundada em capacidades cognitivas biologicamente inscritas, por que e como suas manifestações poderiam ser sensíveis ao Tempo e à História? O que explica que a tonalidade da doxa seja sempre, ao menos implicitamente, *fixista*, já que as transformações que caracterizam a vida das línguas são consideradas como fenômenos da ordem das “performances”, nada tendo a ver com a linguística propriamente dita.

1.2 A linguística histórica e comparada

Como se sabe, sob o impulso de Hegel (1807/1947), o XIX foi o século do estudo das *mudanças* que têm caracterizado a História dos povos e das civilizações humanas e, na esteira dos trabalhos de Darwin (1859/1980), essa abordagem *retrospectiva* se estendeu em seguida à problemática da evolução das espécies; desde logo, foi nessa perspectiva *histórica e evolutiva* que se conduziram as pesquisas linguísticas.

Humboldt (1835/1974) pode ser considerado como o principal fundador dessa nova postura, e seu projeto geral era *reconstruir* as características da organização sintática e semântica das línguas em suas diferentes épocas, relacionar esses resultados com as características sociais e culturais dos povos que as falavam, e contribuir desse modo ao conhecimento geral das condições de desdobramento da história humana. Mas na falta de conhecimentos confiáveis acerca dos aspectos socioculturais da vida dos povos antigos, a dimensão propriamente antropológica desse projeto não pôde se realizar, e seus sucessores – Rask, Bopp e Grimm em particular – de fato só se concentraram na história das línguas mesmas.

Essa carência teórica foi então compensada pela adoção de uma nova leitura interpretativa das mudanças e da história das línguas, postulando que as línguas constituem, literalmente, *organismos vivos* que nascem, crescem, envelhecem e morrem e cujas relações com as demais línguas-organismos estão sujeitas aos mecanismos da *seleção natural* e, portanto, caracterizadas por uma luta incessante pela expansão e/ou pela sobrevivência. Para Schleicher (1863), principal iniciador dessa *abordagem organicista*, todas as línguas conheceriam uma fase ascendente e uma fase descendente: a primeira seria caracterizada por uma intensa criação de formas diversas, que só parcialmente se organizariam em estruturas gerais; a segunda seria caracterizada pela atenuação desse estado de diversidade e de irregularidade, sobretudo sob o efeito de mecanismos analógicos que reconstróem séries de formas e de estruturas, gerais e regulares. E esses dois estados linguísticos traduziriam o estado psicológico dos povos concernidos: o dinamismo e a criatividade na fase ascendente; o empobrecimento mental ou a degenerescência na fase descendente.

Essa concepção era facilmente refutável com base nos múltiplos fatos de evolução das línguas então disponíveis e por isso foi severamente contestada, principalmente por um grupo de linguistas alemães que se rotulavam de *neogramáticos* e que preconizavam que a análise das línguas fosse definitivamente dissociada da suposta psicologia dos povos falantes; grupo de linguistas que professavam em Leipzig e junto aos quais Saussure concluiu sua formação linguística.

1.3 O projeto saussuriano de uma *linguística geral*

Saussure tratou de se afastar tanto da postura gramatical tradicional quanto da linguística histórica, mas sua apreciação, na realidade, foi mais crítica para com a segunda corrente do que com a primeira.

No tocante à linguística histórica, Saussure reconhece sem dúvida que ela levou em conta a diversidade das línguas naturais e as mudanças que nelas se produzem com o tempo, mas ele a censura severamente por não ter se interrogado na mesma medida nem sobre a natureza mesma dos fatos que ela evidenciava, nem sobre o estatuto de sua própria metodologia:

Será para todos os tempos um tema de reflexão filosófica o fato de que, durante um período de cinquenta anos, a ciência linguística [...] jamais tenha tido sequer a veleidade de se elevar a este grau de abstração que é necessário para dominar, por um lado, *o que se faz*, e, pelo outro, em que *o que se faz* tem uma legitimidade e uma razão de ser no conjunto das ciências. (ELG, p. 205)

Quanto às abordagens organicistas, Saussure não deixará de criticá-las duramente, conforme atesta sua avaliação da tentativa original de Schleicher:

Mas um segundo motivo de espanto será ter visto que, quando enfim esta ciência parece triunfar sobre seu torpor, ela deságue **na tentativa risível de Schleicher, que desmorona sob seu próprio ridículo**. Tamanho tem sido o prestígio de Schleicher por simplesmente ter *tentado* dizer algo de geral sobre a língua que até hoje ele parece ser uma figura ímpar na história dos estudos linguísticos [...] ¹ (*ibid.*)

Em consequência desse diagnóstico, Saussure estima que convém colocar-se na perspectiva *generalizante* surgida da tradição gramatical, porque ela justamente se centrou nos “estados” de língua e produziu, assim, resultados apreciáveis; mas ele considera também que esses mesmos resultados devem ser reavaliados:

[...] estimo que seria mais útil raciocinar um pouco sobre as famosas abstrações da antiga escola, e definir em que elas contêm algo de justo e de real, do que repudiar o todo em teoria para em seguida voltar a ele na prática. (ELG, p. 191)

Essa reavaliação implica, por um lado, recusar os *a priori* filosóficos da tradição e a perspectiva *logicizantes* que dela decorre. Implica, por outro lado, recolher e analisar novos fatos, centrando-se nas *línguas naturais em sua diversidade*, comparando essas línguas e estudando as mudanças que nelas se produzem no curso da história, mas de uma maneira distinta da adotada pela linguística histórica: refletindo sobre o estatuto desses fatos e tentando abstrair deles *regras gerais*.

¹ No conjunto das citações deste artigo, as ênfases em itálico são dos autores citados e as ênfases em negrito são nossas.

Dessa posição decorrerá então uma metodologia ao mesmo tempo *empirista* e *indutiva*, combinando, num movimento de vaivém permanente, a coleta de fatos concretos, a elaboração com base neles de conceitos e de proposições teóricas e o exame da validade desses pelo retorno às empirias.

2. Os objetos de uma linguística geral

2.1 Das línguas naturais à LÍNGUA

O procedimento escolhido por Saussure implicava, portanto, antes de tudo, *o estudo de uma grande diversidade de línguas naturais*, e seu percurso profissional atesta que, para ele, não se tratava de um princípio vazio. Saussure dominava diversas línguas contemporâneas (o francês, é claro, mas também o inglês e o alemão principalmente); tinha um conhecimento profundo do latim, do grego antigo, do sânscrito e das línguas antigas da Índia, do celta, do germânico, do persa antigo, do irlandês antigo, do armênio, do lituano e de diversas línguas eslavas; e também se interessou por múltiplos dialetos e falares franco-suíços, germânicos e lituanos. Saussure decerto teria desejado conhecer e analisar todas as línguas humanas, mas é possível considerar que seu procedimento derivava implicitamente do princípio metodológico que hoje qualificamos de *saturação*: estudar uma diversidade de línguas que seja suficiente para que emerja o essencial de suas propriedades, ou ainda para que já não haja chance de que a extensão do *corpus* conduza a evidenciar fatos verdadeiramente novos. Coletar fatos, analisá-los, compará-los e, em seguida, quando parecer legítimo, proceder a generalizações e a conceitualizações, elas mesmas a serem validadas no confronto com outros fatos – tal é o procedimento do qual Saussure jamais abriu mão:

A coisa dada não somente a língua mas as línguas. E **o linguista está na impossibilidade de estudar outra coisa no início senão a diversidade das línguas. Ele deve inicialmente estudar línguas, o maior número possível de línguas, deve estender seu horizonte tanto quanto puder.** É assim que procedemos. (*Cours III*, in *CLG-E*, p. 65)

Os fatos gerais, as regularidades ou as constantes surgidas desse exame de múltiplas línguas poderão então ser imputadas à linguagem, ou à LÍNGUA², enquanto entidade *abstrata* e todavia *positiva*. O que permite dar uma definição preliminar, ou *metodológica*, dessa língua: ela é constituída daquilo que se pode depreender, por abstração-generalização, do estudo minucioso de uma diversidade representativa de línguas naturais:

Pela observação dessas línguas, ele [o linguista] poderá tirar **traços gerais**, reterá tudo o que lhe parecer essencial e universal, para deixar de lado o particular e o acidental. Terá diante de si um **conjunto de abstrações que será a língua** [...] Na língua, resumimos o que podemos observar nas diferentes línguas. (*ibid.*, pp. 65-66)

² Em diversos escritores anteriores a 1900, o termo “linguagem” parece equivaler a “língua”; é somente no quadro dos *Cursos*, em particular no terceiro, que será explicitamente postulada uma distinção entre “linguagem”, como capacidade principal da espécie (de ordem *biopsicológica*), e LÍNGUA, como produto generalizante do estudo dessas *realidades sociais* que cosntituem as línguas naturais.

Nessa primeira acepção, a LÍNGUA (ou a linguagem) constitui portanto um *domínio de estudo*, ao qual convém aplicar procedimentos científicos de análise que deveriam permitir identificar e conceitualizar os *objetos* que esse domínio comporta e organiza.

2.2 Um procedimento que visa o *fato linguageiro total*

Os trabalhos efetivos de Saussure sobre essas diversas línguas se realizaram sob dois *ângulos de ataque* diferentes e visaram levar em consideração *a quase totalidade das dimensões do domínio da linguagem*.

Em seus múltiplos trabalhos sobre os idiomas antigos, Saussure evidentemente se valeu dos *textos escritos* à disposição. Mas uma das orientações maiores de seu tratamento desses *corpora* foi, desde o *Mémoire*, recuperar através deles as sonoridades efetivas da língua falada que eles transcreviam, e esse zelo de conhecimento das propriedades efetivas das *línguas tais como eram faladas* foi constante e se confirmou particularmente em seus estudos dos dialetos e/ou falares. Isso, porém, não o impediu de analisar as propriedades específicas das escritas em geral e de certos sistemas de notação ortográfica em particular.

No tocante às rubricas gramaticais ou aos níveis de estruturação das línguas, ele visou igualmente não negligenciar nenhum. Seus trabalhos incidiram tanto sobre a lexicologia e a fonética³ quanto sobre a morfologia e a sintaxe, tudo isso numa perspectiva implicando sempre, por princípio, a consideração de sua vertente semântica.

Nesses estudos, ele se concentrou tanto nas características de um *estado de língua* quanto em seus *movimentos no tempo*. Nesse segundo caso, seja na perspectiva *reconstrutiva* magistralmente ilustrada no *Mémoire* (que permanecia marcado pelo projeto de reconstituição das formas do indo-europeu), seja numa perspectiva *prospectiva* (prever certas mudanças, sabendo contudo que algumas outras permanecem imprevisíveis). E também estudou longamente as condições de propagação e de diferenciação das línguas no espaço geográfico.

Convém sublinhar enfim que Saussure também realizou permanentemente estudos detalhados do que hoje se qualificaria de *gêneros textuais*: os *lieds* alemães (o *Hildebrandslied* e sobretudo os *Nibelungen*), diversos textos de lendas, os versos latinos de Lucrecio ou de Virgílio, a versificação francesa etc. (cf. GARDON, 2003; TURPIN, 2003).

Mas como é que todas essas dimensões analisadas poderiam se enquadrar numa única e mesma disciplina, e como qualificar, designar essa disciplina?

Duas das célebres antinomias saussurianas, explicitamente postuladas no *Cours III*, parecem fornecer evidentes respostas a essas questões: convém distinguir, de um lado, uma “linguística da língua” e uma “linguística da fala” e, do outro, uma “linguística sincrônica” e uma “linguística diacrônica”. Além disso, Saussure sempre estipulou que as questões de fonética pura não pertenciam a uma ciência da linguagem, mas

³ Na época de Saussure, a distinção entre “fonética” (estudo das sonoridades como tais, seja em sua vertente articulatória, seja em sua vertente de onda sonora audível) e “fonologia” (estudo das entidades sonoras que têm *valor distintivo* no quadro de uma dada língua) ainda se estabelecera. Em seus escritos, os termos “fonética”, “fonologia” e “fonemática” têm, por conseguinte, um significado que permaneceu flutuante.

constituíam o objeto ou da psicofisiologia (articulatória) ou de um ramo da física (acústica).

Essas distinções e oposições, no entanto, não têm o mesmo estatuto e não podem realmente resolver o problema. Aliás, Saussure com efeito regularmente evocou aquilo que constituía, na sua visão, o *critério principal* que permite circunscrever o objeto de uma ciência da linguagem: cabem a ela *todos os fatos, e nada mais que os fatos, que tenham um vínculo orgânico com a dimensão da significação*, ou seja, todos os fenômenos que implicam a mobilização dessa significação pelos sujeitos falantes, ou, ainda, que interferem com as condições de manifestação ou de apreensão dos efeitos de sentido. Adotando-se esse critério, deve-se admitir que os fatos de fonética pura não cabem numa ciência da linguagem, já que se situam por princípio antes da questão do sentido; mas no tocante à oposição sincronia-diacronia, o problema é mais complexo e voltaremos a ele em 2.4, abaixo.

A ciência que Saussure se propunha elaborar devia, portanto, incidir sobre todas as manifestações da *significância* humana. Se podia ser qualificada de *linguística geral* é na medida em que devia incidir primeiramente sobre a linguagem enquanto instrumento maior, ou primeiro, dessa significância; mas essa mesma linguística estava destinada a se integrar a seguir numa disciplina mais ampla, a *semiologia*, que analisaria também as outras espécies de sinais humanos, compararia suas modalidades de organização e tiraria daí conclusões mais gerais (a esse respeito, cf. BULEA, 2005). Apesar do aparente encolhimento sobre o “sistema da língua” operado no *Cours III*, a linguística saussuriana, enquanto parte da semiologia, devia se dirigir em definitivo ao conjunto das dimensões das práticas significantes humanas:

O ponto de vista ao qual chegamos, meus senhores, e que é simplesmente o ponto de vista do qual se inspira sem exceção o estudo das línguas, em todos os seus ramos, faz ver muito claramente que não há **separação entre o estudo da linguagem e o estudo das línguas ou o estudo desta ou daquela língua ou família de línguas**; mas que por outro lado cada divisão ou subdivisão de língua representa um documento novo, e interessante na mesma qualidade que qualquer outro, para **o fato universal da linguagem**. (ELG, p. 147).

Semiologia = morfologia, gramática, sintaxe, sinonímia, retórica, estilística, lexicologia etc., *o todo sendo inseparável*. (ibid., p. 45)

Os diversos centros de interesse de Saussure tinham a ver portanto com *ângulos de ataque diferentes do mesmo objeto*, objeto que qualificaremos de *fato linguageiro total*, inspirando-nos na concepção que Mauss desenvolvera na sociologia:

[...] Na sociologia, raramente encontramos, ou mesmo nunca encontramos [...] o homem dividido em faculdades. Sempre estamos lidando com seu corpo, sua mentalidade por inteiro, dados ao mesmo tempo e de uma só vez. No fundo, corpo, alma, sociedade, tudo aqui se mescla [...] É o que proponho chamar de fenômenos de *totalidade* de que participa não somente o grupo, mas ainda, por ele, todas as personalidades, todos os indivíduos em sua integridade moral, social, mental e, sobretudo, corporal e material. (MAUSS, 1965a, p. 303)

Há nesta maneira de tratar um problema um **princípio heurístico** que gostaríamos de destacar. Os fatos que temos estudado são todos, que se nos permita a

expressão, **fatos sociais totais** ou, se se preferir – mas nos agrada menos a expressão – gerais: quer dizer, eles mobilizam em certos casos a totalidade da sociedade e de suas instituições. (MAUSS, 1965b, p. 274)

Embora se dirijam à sociologia, as palavras de Mauss têm contudo um alcance epistemológico bem mais amplo que conduz, como fizeram Vygotski (cf. 1926/1999) e os pais do interacionismo social, a postular que as condutas humanas se caracterizam pela integração das dimensões corporais, mentais, sociais etc., e a recusar, assim, o recorte atual das disciplinas do humano. Saussure adotou uma postura análoga no tocante à linguagem, ao sublinhar a inseparabilidade de suas múltiplas dimensões e, portanto, a necessidade heurística de abordar esse domínio como *totalidade* e segundo uma mesma perspectiva metodológica, desde logo quase necessariamente *sistêmica* como mostraremos em 3, abaixo.

2.2 Das relações entre *língua* e *fala*

A natureza das relações postuladas por Saussure entre “língua” (“langue”) e “fala” (“parole”) foi particularmente mal compreendida, em razão da prioridade metodológica concedida (no *Curso*) ao estudo da língua no âmago do fato linguageiro. A passagem do CLG relativa a essa prioridade é bem conhecida:

Assim, seja qual for o lado de onde se aborde a questão, em nenhuma parte o objeto integral da linguística se oferece a nós; por todo lado encontramos este dilema: ou bem nos apegamos a um só lado de cada problema, e corremos o risco de não perceber as dualidades sublinhadas mais acima; ou bem, se estudamos a linguagem de vários lados simultaneamente, o objeto da linguística nos parece um amontoado confuso de coisas heteróclitas sem vínculo entre si. [...] Só existe, a nosso ver, uma solução para todas essas dificuldades: é preciso situar-se antes de mais nada sobre o terreno da língua e tomá-la por norma de todas as outras manifestações da linguagem. Com efeito, em meio a tantas dualidades, só a língua parece ser suscetível de uma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito. (CLG, pp. 24-25)

Mas os cadernos de estudantes deixam transparecer que a “solução” de fato proposta por Saussure em seus cursos era sensivelmente diferente e eminentemente mais prospectiva:

Resposta a essa busca: É concedendo o primeiro lugar à *língua*, e **voltando a partir daí como de uma plataforma, que melhor atribuiremos aos outros elementos da linguagem o lugar deles.** (*Cours I*, in CLG-E, pp. 30-31)

Eis a solução que podemos adotar [...] Podemos dizer ademais que é escolhendo a língua como centro e **ponto de partida que se tem a melhor plataforma para ir aos outros elementos da linguagem.** (*ibid.*)

Se a abordagem da língua constitui efetivamente um ponto de partida e uma plataforma, é para melhor poder abordar a seguir *os outros aspectos da linguagem* e, mais importante ainda, para abordá-los *segundo uma perspectiva e uma metodologia idênticas à da análise da língua*. É o que atesta a citação seguinte ao postular que a abordagem sistemática requerida para a análise da “língua” devia também se aplicar, *da mesma maneira*, aos textos-discursos:

Antes de tudo, não nos devemos afastar do princípio de que **o valor de uma forma** está por inteiro **no texto** em que a colhemos, isto é, no conjunto das circunstâncias morfológicas, fonéticas, ortográficas que o rodeiam e o iluminam. (*Sur le nominatif pluriel et le génitif singulier de la déclinaison consoantique en lituanien*, 1894, in *Recueil*, p. 514)

Haurindo no conjunto das fontes disponíveis, parece-nos ser possível reconstruir a abordagem saussuriana das relações entre língua e fala da maneira a seguir.

O mestre genebrino sempre insistiu na *primazia da dimensão praxeológica* da linguagem, que ele qualificou indiferentemente de *fala, discurso, texto* ou “*fato de falar*”. Desde suas conferências de 1891, ele sublinhou igualmente o caráter *evolutivo* dessa mesma entidade que, embora sendo *ontologicamente una* (ela consiste de um só e único fenômeno de utilização ininterrupta dos recursos fônicos e estruturais da espécie), sempre se apresenta sob forma de *variantes* (utilização de determinados subconjuntos desses recursos) *que se transformam* permanentemente no curso de sua difusão no tempo e no espaço:

Há *transformação*, e sempre e ainda *transformação*, mas não há em lugar algum reproduções ou produções de um ser linguístico novo, tendo uma existência distinta daquilo que o precedeu e daquilo que o seguirá. [...] **Postulamos portanto o princípio da transformação incessante das línguas como absoluto.** Não se apresenta o caso de um idioma que se encontraria em estado de imobilidade e de repouso. (*ELG*, pp. 157-158)

Todas as modificações, quer fonéticas, quer gramaticais (analógicas) **se dão exclusivamente no discursivo.** [...] Toda inovação chega por improvisação, falando, e daí penetra ou no tesouro íntimo do ouvinte ou no do orador, mas se produz portanto a propósito da linguagem discursiva. (*ibid.*, p. 95)

Nas mesmas conferências, Saussure ressaltou que o domínio da linguagem se caracterizava também por “estados” sucessivos e, como se sabe, foi sobre o estatuto desses *estados de língua* que incidiram principalmente suas reflexões e seus ensinamentos posteriores. Numa primeira acepção, a língua como estado é um “reservatório” (ou um “tesouro”) de *valores significantes* surgidos dos textos, tal como esses valores se “depositam” no “cérebro” do falante.

Tudo o que é levado aos lábios pelas necessidades do discurso, e por uma operação particular, é a *fala (parole)*. **Tudo o que está contido no cérebro do indivíduo, o depósito das formas ouvidas e praticadas e do sentido delas, é a língua (langue).** (*Cours I*, in Komatsu & Wolf, 1996, pp. 65-66)

Se Saussure considera aqui que tal depósito se localiza “no cérebro”, em outras passagens ele pode mencionar tanto “a consciência dos falantes” quanto a “esfera associativa interna”, expressões diversas que designam o que qualificamos de *aparato psíquico das pessoas*. Ele acrescenta que as formas interiorizadas são *reorganizadas* nesse aparato: ali elas se tornam objeto de *classificações* que provocam a constituição de *séries* de termos que mantêm entre si relações de semelhança-diferença, conforme critérios de ordem fônica ou semântica. E essa organização constitui um primeiro tipo de estado de língua, que de nossa parte qualificamos de *língua interna*.

Mas Saussure também sustentou que a língua tinha sua sede na coletividade: “A língua é o conjunto das formas concordantes que o fenômeno [de linguagem] assume numa coletividade de indivíduos e numa dada época” (*ELG*, p. 129). Nessa outra abordagem, ele ressalta que a língua permanece sempre sob o controle último do social, neste caso, das *concordâncias* ou *convenções* que se estabelecem no social.

Assim, Saussure postula de fato (mas sem tematizar explicitamente) três objetos centrais de uma ciência da linguagem: (i) os *textos/discursos*, como formas de exploração dos recursos linguageiros universais que se propagam e se transformam permanentemente; (ii) a *língua interna*, como sistema de organização psicológica individual dos valores significantes dos signos extraídos dos textos; (iii) a *língua coletiva ou normatizada*, como sistema de organização dos mesmos valores significantes, mas gerido desta vez pelos grupos sociais e submetido às normas de funcionamento próprias desses grupos.

Esses três objetos, além disso, são a sede de uma *permanente interação*: os signos linguageiros são implementados nos *textos/discursos*; são objeto de uma apropriação pelas pessoas e se organizam numa *língua interna* em seu aparato psíquico; em seguida, são extraídos desse mesmo aparato para serem reinjetados em novos textos, sob o controle das normas da *língua coletiva*:

Se é verdade que sempre precisamos do tesouro da língua para falar, reciprocamente, tudo o que entra na língua foi primeiramente testado pela fala certo número de vezes suficiente para que daí resulte uma impressão durável: **a língua é tão somente a consagração do que tinha sido evocado pela fala.** (*Cours I*, in *CLG-E*, p. 383)

Por outro lado, contudo, embora totalmente interdependentes, os textos e as duas formas de língua (interna e coletiva) têm estatutos e modos de organização fundamentalmente distintos: os textos exibem as formas de organização da dimensão *praxeológica* da linguagem, enquanto as línguas se estruturam na ordem *gnoseológica*. A constituição das línguas implica de fato um processo de “poda” das propriedades específicas da organização discursiva (ligadas às suas múltiplas determinações cotextuais ou contextuais), seguido de um processo de reconstrução de uma organização que obedece a princípios cognitivos gerais:

[...] toda a língua entra primeiramente em nosso espírito pelo discursivo, como dissemos, e como é obrigatório. Mas assim como o som de uma palavra, que é uma coisa que entrou igualmente em nosso foro íntimo dessa maneira, se torna uma impressão completamente independente do discursivo, assim também **nosso espírito destaca o tempo todo do discursivo aquilo que é preciso para deixar somente a palavra.** (*ELG*, p. 118)

2.4 Das relações entre sincronia e diacronia

A questão das relações entre o estudo das mudanças que afetam as línguas ao longo do tempo (eixo diacrônico) e o da organização dos estados de língua tais como podem ser apreendidos num dado momento (eixo sincrônico) constituiu uma preocupação constante de Saussure. Mas o tratamento que ele deu a essa questão tomou orientações sucessivas às vezes muito diferentes e sempre eminentemente complexas. Aqui nós nos limitaremos, por conseguinte, a resumir a última tomada de posição do autor nesse

domínio, a respeito das relações, ou *interações*, entre fatos diacrônicos e sincrônicos, tal como foi desenvolvida no *Cours III*.

Em conformidade com seus princípios ou hábitos didáticos, Saussure convoca primeiro diversos exemplos, entre os quais o seguinte, claramente reconstituído no *CLG*:

Em antigo alto alemão, o plural de *gast*, “hóspede”, foi primeiramente *gasti*, o de *hant*, “mão”, *hanti* etc. Mais tarde, esse *-i* [...] teve como efeito mudar o *a* em *e* na sílaba precedente: *gasti* > *gesti*, *hanti* > *henti*. Em seguida, esse *-i* perdeu seu timbre, donde *gesti* > *geste*, etc. Por conseguinte, temos hoje *Gast: Gäste; Hand: Hände*, e toda uma classe de palavras apresenta a mesma diferença entre o singular e o plural. (*CLG*, p. 120)

Com base nesse tipo de exemplo, ele evidencia que, numa dada época, os fatos estáticos constituem o resultado de vários fatos (ou eventos) diacrônicos sucessivos: o estado de oposição *Hand/Hände* em alemão contemporâneo é o produto de duas transformações fonéticas que se produziram em épocas anteriores. E Saussure sublinha que esses eventos desencadeadores e seu resultado são de ordens radicalmente diferentes, não apresentam entre si nenhuma relação:

Para que esse fato estático se produzisse, foram necessários diferentes fatos evolutivos ou diacrônicos [...] **Esses fatos diacrônicos [...] não têm nenhuma relação com o fato estático levantado. Eles condicionaram o fato, mas são em si mesmos perfeitamente distintos dele.** (*Constantin, Cours III*, p. 263)

Essa ausência de relação entre os dois tipos de fenômenos se deve a que os fatos diacrônicos têm um caráter *aleatório*, *não têm finalidade* e, mais especificamente, não visam modificar o sistema e obter nele essa ou aquela nova configuração: houve uma mudança aleatória, mudança da qual o sistema teve necessariamente de levar em conta, mas é esse sistema que se reorganizou, em função dos outros elementos de sua estrutura própria:

Os fatos diacrônicos (as mudanças) tiveram por finalidade marcar de outra maneira o plural? Foi a expressão do plural que se quis mudar? De forma alguma. O fato de uma forma *gasti* ter se tornado *gesti* não se preocupa mais com o plural do que o faz *tragit, trägt*.

Terão o caráter de tender a mudar o sistema? Incontestavelmente, aqui há um sistema, e logo outro. Quis-se passar de um sistema de relações a outro? Não, a alteração não incide sobre o sistema mas sobre elementos do sistema. Jamais um sistema se altera por inteiro. A alteração incide sobre um elemento do sistema tomado em desconsideração quanto à sua solidariedade para com o sistema [...] Não é verdade que um sistema tenha gerado o outro, mas um elemento do sistema mudou, donde um novo sistema. (*ibid.*, pp. 264-265)

Essa análise leva então a uma reapreciação do *estatuto dos estados de língua* e, mais particularmente, à contestação da ideia preconcebida (e aceita pelos gramáticos anteriores) de que a língua mesma teria finalidade, ou seria orientada pela necessidade de exprimir conceitos ou relações já ali. A ausência de finalidade das mudanças diacrônicas repercute de certo modo sobre o sistema sincrônico: um novo estado se acha *fortuitamente* dado, e “o espírito” dos falantes (individuais e sociais) só pode dar conta deste novo estado, se apoderar dele e nele redistribuir as significações. Essa análise é

sustentada pela famosa comparação com o jogo de xadrez, que ilustra com clareza a natureza das relações entre um evento diacrônico (um *lance* no jogo de xadrez) e seus efeitos sobre a organização subsequente do sistema (a *configuração do tabuleiro* que disso resulta):

No xadrez, uma dada posição é comparável a um estado de língua por estas três razões: 1^a) Sente-se que o valor das peças só é determinado pela posição recíproca delas num sistema como *foot/feet* (singular/plural). [2^a)] O valor de cada peça depende do sistema, e do sistema momentâneo [...] 3^a) O que é que faz passar de uma posição das peças a outra, de um sistema a outro, de uma sincronia a outra? É o deslocamento de uma peça, não é uma desarrumação de todas as peças. Nesse terceiro fato, temos [primeiramente] o fato diacrônico em todo o seu alcance e em tudo o que o faz diferente dos fatos sincrônicos que ele condiciona. Cada lance de xadrez só incide materialmente sobre uma peça, tal como o fato diacrônico. Em segundo lugar, apesar disso, o lance de xadrez não é calculável pelo efeito produzido no sistema. A mudança de valor que decorre disso para cada uma das peças pode ser nulo conforme os casos ou então revolucionar o conjunto [...] Esse fato do deslocamento, qualquer que seja, é absolutamente diferente do fato do equilíbrio a) antecedente e do equilíbrio b) subsequente. (*ibid.*, p. 267)

Mas essa comparação não é pertinente num ponto: ao deslocar uma peça, o jogador de xadrez tem *a intenção* de obter tal resultado, ao passo que, como vimos, as mudanças diacrônicas não se vinculam a nenhuma premeditação:

No jogo de xadrez, o jogador tem *a intenção* ao deslocar uma peça de fazer o deslocamento e de operar uma ação sobre o sistema. **Quando a língua faz um lance (uma mudança diacrônica), ela não premedita nada.** (*ibid.*)

Para Saussure, por conseguinte, os fatos diacrônicos e os fatos sincrônicos são ao mesmo tempo *autônomos*, mas numa relação de *interdependência* fundamental.

3. Uma metodologia sistêmico-diferencial

Uma vez que os termos das célebres antinomias (língua/fala e diacronia/sincronia, ou ainda sintagma/paradigma) se acham numa relação de interdependência propriamente constitutiva, a metodologia de sua análise deve ser necessariamente de ordem *sistêmico-diferencial*.

A pertinência desse posicionamento será confirmada de imediato pela extraordinária eficácia do procedimento do *Mémoire*, que se caracterizava, contrariamente ao que faziam muitos de seus predecessores, pela consideração da *interdependência* do conjunto dos fatos fonológicos e morfológicos, num *estado de língua* determinado (“capturar os fenômenos em seu vínculo interior”, *Mémoire*, p. 185), e por se apoiar para tanto num método comparativo extremamente rigoroso, visando, com base em fatos de concordância observáveis (no caso, entre vogais), *reconstruir* por indução e depois por dedução étimos comuns que seriam imputáveis ao indo-europeu primitivo. Essa perspectiva sistêmica era portanto precoce e, como observou Meillet, orientou o conjunto do método saussuriano, muito embora ela só venha a ser explicitada claramente no *Curso*:

Jamais ouvi as aulas de Ferdinand de Saussure sobre a linguística geral. Mas o pensamento de Ferdinand de Saussure se fixou muito cedo [...] As doutrinas que

ele ensinou em suas aulas de linguística geral são as que já inspiravam o ensino de gramática comparada que ele deu vinte anos antes na École des Hautes Études e às quais assisti. Eu as reencontro tais como era possível frequentemente adivinhá-las. (Meillet, 1916, p. 33)

Segundo Saussure, a LÍNGUA devia portanto ser apreendida enquanto *sistema de relações internas*, sistema cujas propriedades só podiam, assim, ser *independentes* (ao menos em certo nível) dos fatores externos devidos a seu ambiente:

A língua é um sistema fechado, e a teoria tem de ser um sistema tão fechado quando a língua. Aqui está o ponto difícil, pois colocar essas afirmações, essas visões sobre a língua, uma depois da outra não é nada; o tudo é coordená-las num sistema [...]. (*Relation, par Riedlinger, d'un entretien avec Saussure*, in *SM/G*, p. 29)

Os fatos de linguagem, portanto, dependem dos sistemas, mas esses sistemas nem por isso são equivalentes aos que outras disciplinas científicas podem abordar, pois seus ingredientes são de natureza particular, única: *eles não têm “substância”*, ou ainda sua existência é apenas “relacional”, decorre totalmente, e exclusivamente, de seu estatuto na configuração de conjunto do sistema.

Como vimos (cf. 2.2, acima), o critério decisivo escolhido por Saussure para circunscrever os objetos de linguagem é o de sua contribuição à significação. Desde a redação de *L'essence double* (in *ELG*, pp. 15-88), ele enfatizará que não são as entidades fonéticas como tais, mas os “signos” associados a essas entidades que apresentam essa característica, o que o levará a estabelecer uma primeira distinção terminológica entre “*figura vocal*” ou “*apossema*”⁴ (a entidade fonética perceptível como tal), de um lado, “*signo*” ou “*sema*” (enquanto portador de significação), do outro. Ora, os signos ou semas são *arbitrários*, isto é, sem relação motivada e estável com as entidades externas que se acham designadas por eles; sua significação, portanto, não está “engatada” nem racionalmente, nem de maneira permanente, à sua face sonora perceptível: ela só existe na qualidade de “termo” dependente da distribuição das outras significações no interior do sistema. Os signos de linguagem, portanto, são entidades sem suporte fixo externo e, desde logo, sem outra “realidade” senão aquela resultante de seu lugar e de sua modalidade de inserção no sistema:

Mas existe aí, implicitamente, alguma tendência que não podemos desconhecer nem deixar passar sobre o que seria em definitivo a linguagem: a saber, uma nomenclatura de objetos. De objetos dados de início. Primeiro o objeto, depois o signo; portanto (o que negaremos sempre), base exterior dada ao signo, e figuração da linguagem por esta relação:

Objetos	$\left[\begin{array}{l} * - a \\ * - b \\ * - c \end{array} \right]$	Nomes
---------	---	-------

⁴ Essas esclarecedoras distinções terminológicas quase não reaparecerão nos *Cursos* e serão ignoradas pelos redatores do *CLG*. Observaremos ainda que, numa rude metáfora, Saussure também qualificou o *apossema* de “*cadáver de sema*” (cf. *ELG*, p. 107).

quando a verdadeira figuração é: $a — b — c$, fora de todo conhecimento de uma relação efetiva como $*—a$, fundada sobre um objeto. Se um objeto pudesse, onde quer que seja, ser o termo sobre o qual se fixa o signo, a linguística deixaria imediatamente de ser o que é, desde o topo até a base; aliás, o espírito humano também, como fica evidente a partir desta discussão. (ELG, p. 230)

4. O projeto de um novo aparato terminológico

Uma vez que as tomadas de posição metodológicas e epistemológicas são profundamente vinculadas, Saussure tentou sem descanso explicitar as dimensões metateóricas de seu procedimento e, sobretudo, formulou diversas propostas de redefinição e de reorganização do aparato nocional da linguística geral.

O mestre genebrino regularmente manifestou uma rejeição, quando não uma verdadeira aversão, pelas noções surgidas das correntes filosóficas ou linguísticas anteriores e suscetíveis de constituir, para ele, “conceitos primitivos”:

Sem cessar, **a inépcia absoluta da terminologia corrente**, a necessidade de reformar e de mostrar para isso que espécie de objeto é a língua geral, vem estragar meu prazer [...] Isso acabará, a contragosto, num livro em que, sem entusiasmo nem paixão, explicarei por que **não existe um único termo empregado na linguística ao qual eu atribua um sentido qualquer**. E somente depois disso, confesso, é que poderei retomar meu trabalho no ponto em que o tinha deixado. (*Lettres à Meillet*, p. 95)

Evidentemente, Saussure tinha contudo plena consciência de que todo procedimento realmente científico (e, mais ainda, um projeto tão ambicioso quanto o seu) implica a abstração, a generalização e, portanto, a elaboração de conceitos organizados num aparato terminológico coerente. Nessa perspectiva, ele foi obrigado a convocar, comentar e reutilizar o essencial das noções herdadas da filosofia da linguagem ou da linguística histórica. Mas também defendeu constantemente que os *termos* ou as *palavras* assim à disposição não podiam de modo algum constituir *conceitos* exploráveis em seu próprio método. Em conformidade com sua concepção da vacuidade intrínseca das palavras (no sentido de “figuras vocais”) e da permanente disponibilidade delas a se articular em (ou a suportar) um novo “signo”, ele se esforçou, pelo contrário, por *reconstruir a significação* dos termos herdados. Além disso, como se sabe, ele não se privou, quando lhe parecia indispensável, de criar conceitos novos. E quer se trate de reemprego ou de criação, os conceitos saussurianos não podiam proceder de um posicionamento *a priori*, mas tinham de subsumir de maneira credível os resultados de suas análises metódicas dos fatos de linguagem, em sua concretude e em sua sistematicidade:

Nosso ponto de vista é, com efeito, que o conhecimento de um fenômeno ou de uma operação do espírito supõe previamente a definição de um termo qualquer; não a definição aleatória que se pode dar sempre de um termo relativo com respeito a outros termos relativos, girando eternamente num círculo vicioso, mas a definição consequente que parte rumo a um lugar qualquer numa base, não direi absoluta mas escolhida expressamente como base irreduzível para nós, e central de todo o sistema. (ELG, p. 34)

Chega de figuras! É um belo programa que tratamos logo de colocar no papel. E o que é preciso para colocar esse preceito em prática? Pouca coisa, simplesmente

empregar apenas expressões que respondam às absolutas realidades da linguagem, classificadas de maneira infalível. (*ibid.*, p. 233)

Essa necessidade imperiosa de elaborar uma nova terminologia constitui primeira e fundamentalmente uma consequência do caráter radicalmente não substancial que Saussure atribuía aos fatos de linguagem. Todas as disciplinas que anteriormente tinham lidado com a linguagem fizeram isso com base na aceitação da existência de substâncias primárias, e os conceitos que elas tinham moldado supostamente designavam “coisas” ou “fenômenos” ao mesmo tempo positivos e primitivos (“fonemas”, “palavras”, “signos”, “ideias”, “significações” etc.). Desde logo, as acepções desses termos herdados não podiam de modo algum ser empregadas para codificar as propriedades “incorporais” ou “psíquicas” dos componentes da linguagem e fazer jus às modalidades efetivas de sua organização:

Como a linguagem não oferece, sob nenhuma de suas manifestações, uma substância, mas somente **ações** combinadas ou isoladas de forças fisiológicas, físicas, mentais, e como no entanto todas as nossas distinções, toda a nossa terminologia, todas as nossas maneiras de falar são moldadas por essa suposição involuntária de uma substância, não podemos nos recusar, antes de tudo, a reconhecer que **a teoria da linguagem terá como tarefa mais essencial desembaraçar o novelo de nossas distinções primárias. É impossível, para nós, aceitar que se tenha o direito de erguer uma teoria passando ao largo desse trabalho de definição**, ainda que essa maneira cômoda tenha podido satisfazer até o presente o público linguístico. (*ELG*, p. 197)

Desde o *Mémoire* e até o *Cours III*, Saussure não parou de trabalhar nessa reforma terminológica, na dificuldade e frequentemente no desestímulo doloroso, não somente em razão da complexidade intrínseca da tarefa, mas também porque tinha o sentimento de que suas propostas incomodavam, chocavam, e que o sentido mesmo de seu método permanecia incompreendido. Ao longo de seu percurso, ele testou múltiplas noções novas, hesitando entre várias possibilidades, escolhendo uma delas e depois abandonando-a (cf. o destino incerto dos neologismos “sema”, “apossema”, “soma” [*sôme*], “intertomo” [*intertôme*], “diacosmia” etc.), mas estabelecendo assim mesmo *in fine* um conjunto de conceitos sólidos que foram recebidos pela comunidade linguística e fazem parte desde então de seu vocabulário de base, muito embora eles nem sempre sejam realmente compreendidos (valor, significante, significado, sincronia, diacronia etc.).

Nesse trabalho de (re)constituição de um quadro teórico conceitualmente coerente, Saussure explorou com regularidade o procedimento das *antinomias*. Embora se trate, com toda evidência, de um lance da retórica saussuriana, não devemos nos enganar quanto ao estatuto dessas oposições binárias: por um lado, a maioria delas simplesmente “dão conta” de dualidades que caracterizam os próprios fatos de linguagem e, o que para o autor dá no mesmo, os pontos de vista sob os quais é possível captá-los (forma-substância, língua-fala, sincronia-diacronia, relações associativas *vs.* relações sintagmáticas); por outro lado, ao contrário de uma interpretação dominante por muito tempo, essas oposições não visavam (ou, em todo caso, nem sempre) minimizar ou excluir o que era designado por um dos dois termos, mas distinguir metodologicamente dois aspectos, num primeiro momento, para em seguida evidenciar melhor as relações complexas, de ordem dialética, que os uniam:

Na língua, sempre há um lado duplo que se corresponde [...] Não se pode deixar um dos lados a não ser por abstração, e isso sempre traz um perigo: que se atribua a um só lado aquilo que compete igualmente bem ao outro. (*Introduction au Cours II*, p. 7)

E por uma razão mais profunda que não poderemos abordar aqui, todo o empreendimento teórico-terminológico de Saussure, ao mesmo tempo em que se dirigia aos fatos de linguagem, se dirigia na mesma medida às *operações do linguista*:

Mas isso tudo me desagrada muito, assim como a dificuldade que há em geral para escrever só dez linhas tendo o sens comum em matéria dos fatos de linguagem, preocupado sobretudo, há muito tempo, com a classificação lógica desses fatos, com a classificação dos pontos de vista sob os quais nos os tratamos, vejo cada vez mais também **a imensidão do trabalho que seria necessário para mostrar ao linguista o que ele faz**; reduzindo cada operação à sua categoria prevista. (*Lettres à Meillet*, p. 95)

5. Para encerrar: em busca da epistemologia de Saussure

Saussure jamais se pronunciou sobre essa questão e jamais declarou aderir a uma filosofia da ciência qualquer. Por esse silêncio mesmo, ele parece ter aderido de fato à concepção *estrita* daquilo que pode constituir uma epistemologia. Conforme indica Lalande, esse conceito não designa “uma antecipação conjectural das leis científicas” (antecipação que os princípios do galileísmo e/ou do positivismo traduzem), mas designa bem mais “o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências”, de maneira a determinar *a posteriori* “seu valor e seu alcance objetivo” (1996, p. 293). Segundo essa aceção, se Saussure tivesse desejado se pronunciar sobre o “valor” e o “alcance objetivo” de sua própria teoria, só poderia tê-lo feito empreendendo uma espécie de autocrítica *a posteriori* de seu procedimento, apoiando-se no exame de procedimentos em uso em outras ciências. Mas ele não fez isso e, a nosso ver, por duas ordens de razão.

A primeira parece indiscutível: até o fim da vida, Saussure teve o sentimento de inacabamento de seu empreendimento teórico, sentimento cuja tonalidade decerto era excessiva diante da amplitude e da originalidade de suas contribuições, mas que resultava também de ele saber, bem lucidamente, que diversos problemas essenciais permaneciam não resolvidos. Entre esses problemas, levantaremos a questão da possibilidade de integrar numa mesma disciplina as abordagens sincrônicas e diacrônicas (cf. 2.4, acima) e também a do estatuto efetivo da “consciência”, instância regularmente evocada, mas cujo estatuto permanecia pouco claro, sobretudo no tocante à sua ancoragem, ora sociológica, ora bem mais psicológica. Mas o problema maior ao qual se confrontava Saussure, e que decerto constituía para ele o *paradoxo dos paradoxos*, residia no fato de que, se as unidades linguísticas são intrinsecamente “sem substância”, “vazias”, são no entanto essas mesmas entidades “nulas” que constituem os elementos por meio dos quais o espírito humano constrói conhecimentos e *se constrói a si mesmo*.

Essa última problemática introduz o que nos parece constituir a outra razão, *capital*, do silêncio saussuriano sobre a questão epistemológica. As epistemologias declaradas, sejam elas galileanas ou positivistas, são de fato, em sua aceção de “antecipação conjectural das leis científicas”, articuladas à concepção da linguagem nascida da *doxa*: a linguagem constituiria somente um mecanismo secundário de tradução de entidades

factuais ou mentais que teriam sido elaboradas “alhures” e, por conseguinte, ela não interviria na construção mesma dessas entidades (cf. 1.1, acima). Nessa abordagem, os *processos gnoseológicos* humanos podem então ser concebidos como dependentes do domínio *cognitivo puro*, ou seja, eludindo o papel que os signos de uma língua poderiam desempenhar ali. E de fato, todas essas epistemologias se caracterizam por um pesado silêncio sobre a questão da linguagem e/ou dos signos, e sobre os efeitos que estes poderiam ter sobre a natureza mesma dos processos de conhecimento. Ora, para Saussure, a dimensão semiótica e/ou linguageira é, ao contrário, *constitutiva* dos mecanismos de pensamento e de conhecimento, e a gnoseologia humana não pode, por conseguinte, ser concebida se se faz abstração dessa dimensão. Nenhuma das epistemologias declaradas podia, conseqüentemente, satisfazer a Saussure, e se ele tivesse empreendido explicitamente a reflexão metateórica evocada mais acima, ela só poderia ter consistido de uma tentativa de *revisão radical* da concepção das condições mesmas da *episteme* humana e, portanto, do estatuto de toda gnoseologia.

Corpus saussuriano utilizado

CLG — SAUSSURE, Ferdinand (de). *Cours de linguistique générale*, édition critique de T. DE MAURO. Paris: Payot, 1975.

CLG/E — SAUSSURE, Ferdinand (de). *Cours de linguistique générale*, édition critique de R. ENGLER. Wiesbaden: Harrassowitz, 1968.

Constantin, Cours III — CONSTANTIN, Emile. Linguistique générale. Cours de M. le professeur F. de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 58, 71-289. 2005.

Cours I — KOMATSU, Eisuke & WOLF, George (Org.). *Premier cours de linguistique générale (1907) d’après les cahiers d’Albert Riedlinger*. Oxford/Tokyo: Pergamon, 1966.

ELG — SAUSSURE, Ferdinand (de). *Ecrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 2002.

Introduction au Cours II — GODEL, René (Org.). Cours de linguistique générale (1908-1909). Introduction (d’après des notes d’étudiants). *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 15, 3-103, 1957.

Mémoire — SAUSSURE, Ferdinand (de). *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1879). In BALLY Ch. & GAUTIER, L. (Org.). *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*. Genève: Sonor, 1922 [réimpression Slatkine, 1984], pp. 1-268.

Lettres à Meillet — BENVENISTE, Emile. Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 21, 89-125. 1964.

Recueil — BALLY Charles & GAUTIER, Léopold (Org.) *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*. Genève: Sonor, 1922 [réimpression Slatkine, 1984].

SM/G — GODEL, René. *Les sources manuscrites de Cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*. Genève: Droz, 1959.

Referências bibliográficas

ARNAULD, Antoine & LANCELOT, Claude. *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal*. Genève: Slatkine Reprints, 1973 [Edição original: 1660].

ARNAULD, Antoine & NICOLE, Pierre. *La logique ou l’art de penser*. Paris: Vrin, 1965 [Edição original: 1662].

- BRONCKART, Jean-Paul, BULEA, Ecaterina & BOTA, Cristian (Org.). *Le projet de Ferdinand de Saussure*. Genève: Droz, 2010.
- BULEA, E. (2005). Est-ce ainsi que les signes vivent ? *Texto ! [en ligne]*, Volume X, N° 4 (URL: <http://www.revue-texto.net/index.php?id=1774>), 2005.
- DARWIN, Charles. *L'origine des espèces*. Paris: Maspéro, 1980 [Edição original: 1859].
- DE MAURO, Tullio. Notes biographiques et critiques sur F. de Saussure. In F. DE SAUSSURE, *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1975a. p. 319-404.
- DE MAURO, Tullio. Notes. In F. DE SAUSSURE, *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1975b. p. 405-477.
- ENGLER, Rudolf. Théorie et critique d'un principe saussurien: l'arbitraire du signe. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 19, 5-66, 1962.
- GANDON, Francis. Présentation et édition de: Onze vers de Lucrèce sur l'illusion amoureuse. *Cahiers de l'Herne – Saussure*, 76, 2003. p. 430-441.
- GODEL, René. *Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève: Droz, 1957.
- HEGEL, Friedrich. *Phénoménologie de l'esprit*. Paris: Aubier, 1947 [Edição original: 1807].
- HUMBOLDT, Wilhelm (von). Introduction à l'œuvre sur le kavi. In *Introduction à l'œuvre sur le kavi et autres essais*. Paris: Seuil, 1974, p. 133-420 [Edição original: 1835].
- LALANDE, André. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. Paris: PUF, 1996.
- MAUSS, Marcel. Rapports réels et pratiques de la psychologie et de la sociologie. In *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, 1965a, p. 281-310 [Edição original: 1924].
- MAUSS, Marcel. Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques. In *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, 1965b, p. 143-279 [Edição original: 1925].
- MEILLET, Antoine. Compte rendu du CLG, *Bulletin de la Société Linguistique de Paris*, 20, 32-36, 1916.
- SCHLEICHER, August. *Die Darwinsche Theorie und die Sprachwissenschaft*. Weimar: H. Boehlau, 1863.
- TURPIN, Béatrice. Légendes – Mythes – Histoire. La circulation des signes. *Cahiers de l'Herne – Saussure*, 76, 2003, p. 307-316.
- VYGOTSKI, Lev Semiovitch. *La signification historique de la crise de la psychologie*. Paris: Delachaux et Niestlé, 1999 [rédigé en 1927].